

# Horas a fio

ANDRÉ RESENDE

**P**eço desculpas pela monotonia do relato e pela ausência, talvez incomum, de detalhes que dêem aos acontecimentos interesse, algo que toque ou arraste qualquer pessoa que seja a detalhes, entrelinhas, a um mundo subterrâneo de perguntas e imagens agradáveis.

A história toda é essa: um dia abriu a porta do pequeno apartamento e fingiu que até então nunca percebera o tamanho do vazio. Entrou sem acender a luz. Foi ao quarto, tirou a roupa, jogou-se debaixo do chuveiro. Água fria, gelada, forte. Ali, naquele cubículo escuro, sem saída de ar, mesmo que quisesse luz, não tinha lâmpada, nem sequer bocal.

Estava só, não tinha que fazer, tentara algum trabalho, e nada.

(Sem amigos, sem alguém, sem televisão, rádio, relógio, sem ventilador ou ar-condicionado para enfrentar os dias de calor. Sem dinheiro, sem conta no banco.)

Não tinha cama, apenas um colchão grande no chão. Deitava-se para deixar a vida passar. Com todas as noções de tempo trocadas, funcionava como relógio quebrado. Tanto que, às vezes (muitas vezes), dormia cedo, logo depois do banho. Acordava no final da noite, talvez de madrugada (não sabia ao certo), e imaginava que não estava perto de amanhecer: havia carros na rua e a luz dos tubos de televisão saía pelas janelas dos apartamentos.

Roía-se de solidão. Escrevia à mão, compulsivo, pequenas estórias de infâmia, traição, abandono. Empobrecido, ainda não se sentia pobre. Devia o aluguel, meses de condomínio. Certa vez cortaram a luz.

(Só, sozinho, solidão.)

Mas vivia num apartamento bom (pequeno, porém bom), no centro da cidade, perto dos cinemas, da agitação de consumo que não podia viver (nem queria). Por pouco tempo, dizia-se, é provável, dizia-se.

Pequeno, ensinaram-no a fazer a cama e arrumar a roupa. Depois, ir à feira (economizar, escolher), cozinhar. Cuidava de si com autoconfiança. Estava fraco, sentia-se. Na busca por trabalho, confundia-se, pressionado por impressões soterradas que pareciam incomodar pelos detalhes expostos sob a terra. Mentia para si da pior maneira possível, conscientemente, como aberração sem domínio. Perdera a condução da vida e todos pareciam predispostos a deixar tudo como estava.

Lembra-se do dia em que pensou sair vitorioso dessa situação e ainda ver aqueles que o olharam com desprezo engolir todos os maus pensamentos. Riscou as palavras, exceto a parte em que sairia vitorioso. Não era tarefa fácil olhá-lo, ali, tão desprovido de qualidade de vida (requite, gosto, objetos, aparelhos eletrônicos – nem música em casa havia). Vou vencer, dizia-se, é certo, dizia-se, e olhava-se contra o vidro da janela do quarto (não havia espelho em casa).

De fato, seja dito, várias vezes reinventou o começo de vida. Foi criança numa época em que a cidadezinha todo inverno inundava-se por enchentes. Naqueles dias, assim era, levantavam-se os móveis e, por cima deles, arrumavam-se roupas e quinquilharias (que, aliás, nos primeiros refluxos da água, caíam e só não iam parar no rio por causa das portas). Houve cheias de não perder nada. E aquelas em que se perdeu mui-

